IV SEMANA DA DEMOGRAFIA

DEMOGRAFIA DOS INVISIBILIZADOS: FORTALECENDO PRESENÇAS QUE ESCAPAM

UNICAMP – 06 a 10 de abril de 2026

A IMIGRAÇÃO MAZAGANISTA NA AMAZÔNIA (1769-1778): UMA ADAPTAÇÃO DA METODOLOGIA LAMP-ENIR PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Allan William Lebrego da Costa[1]

RESUMO

A pesquisa em desenvolvimento propõe estudar o processo migratório da população que habitava Mazagão, uma fortaleza portuguesa estabelecida no litoral do Marrocos entre os séculos XVI e XVIII. O objetivo desta pesquisa é refletir sobre quais foram os efeitos sociais, econômicos e demográficos da imigração e fixação da população mazaganista na capitania do Grão-Pará para os próprios imigrantes e para os interesses de colonização da Coroa. Para alcançar tal objetivo partiremos da adaptação para a pesquisa histórica de uma metodologia denominada LAMP-ENIR, proveniente da antropologia, que permite a produção e análise de um banco de dados das listas nominativas desses indivíduos, no software Microsoft Acces. Ao descrevermos múltiplas facetas dessa população, à primeira vista, isolada fisicamente por muros, não obstante heterogênea, dinâmica e com trocas comerciais e culturais com o mundo árabe marroquino que cercava Mazagão, não imagina-se que passaram compulsoriamente por um processo migratório que afetou as dinâmicas populacionais, sociais e culturais da própria população e de vilas situadas na capitania do Grão-Pará. A presente pesquisa se insere em uma tentativa de contribuição para o atual cenário dos estudos de demografia histórica sobre passado populacional de uma parcela da população portuguesa que migrou compulsoriamente do norte da África para o norte do Grão-Pará, na medida em que se observam lacunas na historiografia no decorrer dos anos sobre tal temática, e ressaltam-se as composições e especificidades demográficas população de Mazagão.

Palavras-chave: Mazagão; Demografia histórica; História da população; Amazônia Colonial; Século XVIII.

INTRODUÇÃO

Mazagão. Mais de duas mil vidas compuseram este nome na segunda metade do século XVIII. Vidas que foram deslocadas de uma praça-forte homônima situada no norte da África, mais precisamente na costa marítima da região de Dukkala, no atual território do Marrocos, para outro norte: a capitania do Grão-Pará. Houve uma evacuação da fortaleza, que se iniciou na noite de 10 de março de 1769, articulada e decidida por volta de um ano antes por Francisco Xavier Mendonça de Furtado, então secretário de Estado de Marinha e do Ultramar e seu irmão, o Marquês de Pombal.

[1] Universidade Federal do Pará – UFP. E-mail: williamlebrego@gmail.com.

Partindo da praça-forte, ancoraram em Lisboa, ainda em março de 1769, e logo em setembro do mesmo ano prosseguiram para a cidade de Belém, onde houve mazaganistas aguardando, desde a sua chegada, por mais de oito anos pela transferência para o seu destino final, a vila de Nova Mazagão. Uma cidade inteira experimenta a vivência em três continentes, naturalmente um evento atípico de migração que atrai a atenção de qualquer pesquisador. Dentre as razões para a ordem de evacuação, brevemente evidenciamos duas: o cerco militar iniciado pelo sultão mouro Mulah Mohamed, para expulsar os mazaganistas de sua fortaleza, e a necessidade de ocupação e de defesa territorial do Cabo Norte, região tensionada pela Guiana Francesa, com a criação da vila de Nova Mazagão (Vidal, 2008).

Nesta pesquisa busco nas suas análises considerar a dimensão populacional da História da Amazônia Colonial, ao examinar a heterogeneidade da composição demográfica da vila de Nova Mazagão, a partir da presença dos povoadores mazaganistas no Grão-Pará. Alguns pontos são pertinentes no decorrer da pesquisa e que se fundamentam na demografia histórica, como a valorização da história da população da Amazônia colonial e seus elementos diversificados na composição populacional e a produção de bancos de dados no software Microsoft Access para serem usados por futuros pesquisadores.

Esta investigação insere-se em uma tentativa de contribuição para o atual cenário dos estudos de demografia histórica sobre passado populacional de uma parcela da população portuguesa que migrou compulsoriamente do norte da África para o norte do Grão-Pará, na medida em que se observam lacunas na historiografia (Vieira Jr., 2021) no decorrer dos anos sobre tal temática, e ressaltam-se as composições e especificidades demográficas da população de Mazagão na Amazônia Colonial. A partir disso, a bibliografia desta pesquisa, também, nos indica um consolidado delineamento político administrativo do período colonial amazônico (Maxwell, 1996; Rodrigues, 1997), assim como uma iniciativa de produções acadêmicas que remontam aos anos 1970 e adentram no âmbito da História da População na Amazônia, como ressalta Daniel Barroso (2014). Entretanto, apesar destas iniciativas de estudos sobre a temática, há lacunas historiográficas, principalmente fora do eixo Centro-Sul brasileiro (Bacellar; Scott; Bassanezi, 2005).

O objetivo geral desta pesquisa é refletir sobre os efeitos sociais, econômicos e demográficos da imigração e fixação dos mazaganistas no Grão-Pará para os próprios imigrantes e para os interesses de colonização da Coroa. Sucessivamente, os objetivos específicos são: 1) Perceber a região e o período para além de uma história administrativa, o que nos leva a valorizar dinâmicas populacionais em interação com o processo da formação histórica da Amazônia; e 2) Um viés teórico-metodológico que busca associar o estudo demográfico da presença mazaganista com o estudo de "life course" de alguns desses imigrantes, fomentando uma análise que valoriza as trajetórias individuais e a montagem de redes de sociabilidades.

MÉTODOS

As listas nominativas, que compõem o corpo documental desta pesquisa, são documentos produzidos pelas mãos da administração da Coroa portuguesa no período de 1769 a 1778. De forma geral, as listas contêm informações, por domicílio, como o nome de cada indivíduo, estado conjugal, posição no domicílio em relação ao "cabeça de família", tamanho do domicílio, a presença de escravizados, ocupação econômica ou forma de sustento e distinção social, como o título de "Dona" para as mulheres.

Cada lista arrolou a população por famílias e foram produzidas no abandono da fortaleza de Mazagão em março de 1769[2], na partida de Lisboa para o Grão-Pará em dezembro de 1769[3], na vila de Nova Mazagão em dezembro de 1778[4], e na cidade de Belém, referente aos que ainda não haviam partido para a vila nova, em 1778[5]. Há também, o Mapa de Famílias do Grão-Pará e Rio Negro de 1778[6], no qual há uma lista dos "cabeças" de família que habitavam a vila de Nova Mazagão.

No que diz respeito à forma sobre como tratei da documentação, irei dividir este tópico

[2] AHU, códice 1784.
[3] AHU, capitania do Grão-Pará, 05 de fevereiro de 1779, cx. 82, doc. 6720.
[4] AHU, códice 1257.
[5] AHU, códice 1790.
[6] AHU, capitania do Grão-Pará, 22 de junho de 1785, cx. 94, doc. 7509.

em dois momentos. No primeiro, irei explorar uma adaptação da metodologia LAMP-ENIR – utilizada pela etnografia do El Colegio de Mexico e pela Universidade de Brown – para a pesquisa histórica populacional da Amazônia do século XVIII. Enquanto que no segundo momento, indicarei os embasamentos bibliográficos para análise e manuseio dos dados obtidos e utilizados nesta investigação. Para sistematizar as informações seriais das listas nominativas, lancei mão de adaptar a metodologia denominada LAMP-ENIR para a pesquisa histórica. Esta metodologia consiste em um etno-inquérito sobre a imigração recente em contextos de acolhimento latino-americanos. O projeto atualmente é desenvolvido pelo El Colegio de Mexico e pela Universidade de Brown, possui como objetivo estudar os contextos de recepção de migrantes recém-chegados em diversas cidades latino americanas, a chamada Etnopesquisa sobre Imigração Recente (ENIR). Além disso, o projeto possui também como objetivo contribuir para a produção de informação estatística de qualidade sobre as condições de vida, trajetórias biográficas, processos de integração nos locais de destino, aspirações e planos futuros da população imigrante em cinco contextos de acolhimento na América Latina. A pesquisa fornece informações inéditas, através de entrevistas, sobre a situação migratória, familiar, de emprego e moradia das famílias migrantes nessas cidades anfitriãs, contribuindo assim para o fortalecimento das políticas públicas.

No presente momento, estamos adaptando esta metodologia para a pesquisa historiográfica, através de uma base de dados, no software Access, na qual criamos diversos quadros para cada indivíduo listado como “cabeça de família”, na vila de Nova Mazagão, no Mapa de Famílias de 1778. Os quadros simulam os resultados obtidos nas entrevistas do LAMP-ENIR, visto que na pesquisa historiográfica, e mais especificamente nesta pesquisa, as informações estão registradas em fontes documentais manuscritas. Dessa forma os quadros são divididos pelas situações do indivíduo, como atividade econômica, estado conjugal, trajetória, distinção social, plantel de escravizados, tamanho de domicílio e grupo de convívio. Para cada quadro há colunas referentes às demais listas nominativas, dessa forma é possível observar determinada situação, de um indivíduo, no abandono da fortaleza (1769), no embarque de Lisboa para Belém (1769) e no estabelecimento na vila nova (1778). Assim, torna-se possível

a produção de informações estatísticas da qualidade de vida desses sujeitos para uma análise demográfica e social das famílias de Mazagão, entre 1769 e 1778.

Para além da adaptação da metodologia LAMP-ENIR, a microanálise direcionou a linha investigativa desta pesquisa, indo ao encontro do pensamento de Carlo Ginzburg (1991), que caracterizou que as reconstituições micro-históricas estão ligadas às dúvidas de processos macro históricos, ao valorizar a redução da escala na análise das fontes históricas e destacando suas facetas culturais, econômicos e sociais. Sob esse viés, evidencia-se um jogo de escalas no qual é possível observar características mais gerais, do Grão-Pará, ganharem novas possibilidades de análise na redução da perspectiva analítica, buscando a compreensão do processo de construção do cenário populacional de freguesias, como a vila de Nova Mazagão. Pois, como expõe ainda Carlo Ginzburg, “A análise micro histórica movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia” (Ginzburg, 1991, p. 178).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A base de dados LAMP-ENIR dos "Cabeças de família" mazaganistas, presentes no Mapa de Famílias de 1778, traz informações seriais e sistematizadas por quadros que compartimentam determinadas situações dos indivíduos, dentre os anos de 1769 e 1778, esta base de dados possibilita traçar trajetórias individuais de diversos mazaganistas. Além de propor um panorama geral do perfil populacional da vila de Nova Mazagão.

Antes de indicarmos as possibilidades dos estudos de trajetórias no LAMP-ENIR, esbocemos a pluralidade da população mazaganista. Esta era formada pelos fronteiros, que eram jovens fidalgos responsáveis por exercer funções militares e administrativas e ficavam no mais tardar quatro anos na antiga fortaleza, e pelos os moradores. Deste último grupo, destacam- se as famílias que habitavam a praça desde o século XVI, imigrantes açorianos, lisboetas, beirões, algarvios, além dos resgatados, degredados do reino e uma parcela de escravizados[7]. Os resgatados seriam portugueses em cativeiro dos árabes que retornavam à Mazagão e eram recebidos com festejo pela cidadela (Vidal, 2008, p. 29-30).

Para mostrar como essa base de dados pode ser utilizada, citarei a trajetória de Antônio do Rego. Este homem foi um mazaganista que ao abandonar a fortaleza de Mazagão, estava sob a condição de escravizado e vivia com sua esposa e dois filhos no mesmo domicílio de sua proprietária, Dona Maria dos Santos[8]. Pelo menos nove anos após este registro, Antônio "consta em sua liberdade" na vila de Nova Mazagão, ou seja, já não estava mais sob a condição de escravizado e era o "Cabeça de família" do seu próprio domicílio, sem a presença de sua ex-proprietária[9]. Efetivamente, lanço mão de conceitos como "posição" e "evento" de Jan Kok (2007) para analisar a trajetória de Antônio do Rego. O processo migratório ocasionou um "evento" no curso de vida de Antônio, isso quer dizer que a sua "posição" – e aqui me interessa a sua condição de escravizado em 1769 – passa por uma modificação e o indivíduo encontra-se liberto em 1778. A priori, mais um escravizado, dentre tantos, que foi liberto na América

[7] AHUPR, capitania do Grão-Pará, 05 de fevereiro de 1779, cx. 82, doc. 6720.
[8] AHU, códice 1784.
[9] AHU, códice 1257.

Portuguesa, porém esse "evento" e essa mudança de "posição" alteraram marcadores sociais que eram determinantes na vida cotidiana de Antônio do Rego.

Este caso é um exemplo do que a base de dados LAMP-ENIR é capaz de proporcionar, uma vez que as informações da trajetória de Antonio estão fragmentadas em quatro documentações distintas. Porém, a base de dados reuniu estas informações em poucas linhas. Para além das trajetórias individuais, o LAMP-ENIR proporciona a montagem de um panorama das dinâmicas demográficas gerais da vila de Nova Mazagão. Sendo esta uma vertente da pesquisa que pretendo explorar mais em um momento futuro.

A pluralidade desses imigrantes, caracterizada pelos diferentes estratos e marcadores sociais, agências individuais e táticas de sobrevivência material e social no novo local de moradia (Kok, 2002), mesclou-se com o projeto de rizicultura proposto pelo Marquês de Pombal, para o Grão-Pará (Marin, 2008) e caracterizou todo o processo de fixação no novo assentamento.

Daqueles que já se encontravam situados na vila nova, uma reclamação do governador João Pereira Caldas, afirmando que a experiência da gente de Mazagão "não é para a lavoura, assim pela dita razão de ser outra a sua criação"[10], colocava em evidência a adaptação que aquele povo foi obrigado a passar. Tendo em vista a forte atuação militar na antiga praça caracterizada por mais de 580 militares mazaganistas[11] que após o processo migratório muitos se viram trocando a espada pela enxada.

Em 1778, uma parcela de 494 pessoas ainda não havia sido autorizada a ir para à vila de Nova Mazagão, e muitos desta parcela adentraram em outras vilas e regiões da capitania, como por exemplo José Gonçalves Aguiar que casou na vila de Cametá e lá ficou, cuja esposa não foi identificada no documento, ou Valério Vaz que foi para o rio Marapanim, por lá casou com uma mulher nascida no Pará e viveu na casa de seu sogro[12]. Estes dois casos materializam a estratégia de mazaganistas de casarem-se com pessoas naturais de diferentes regiões da

[10] AHUPR, capitania do Grão-Pará, 05 de fevereiro de 1779, cx. 82, doc. 6720.
[11] AHUPR, códice 1784.
[12] AHUPR, códice 1790.

capitania para logo fixarem moradia em locais de sua provável escolha, ao invés de seguir para a vila nova.

A insistência em não ir para a vila nova, as inúmeras tentativas de retornar para Lisboa e reclamações da vida cotidiana na vila de Nova Mazagão servem como indícios de que a estadia dessas pessoas não foi uniforme e nem monolítica. A cada passo que essas pessoas davam em direção ao seu destino, bifurcavam-se seus caminhos, desviavam-se famílias e indivíduos solitários.

Dessa maneira as fontes documentais expressam duas vozes, uma de Mazagão como peças de xadrez usadas pela administração lusitana para alcançar seus objetivos na América portuguesa, e outra da Mazagão vivida pelos mazaganistas, composta por seus diversos interesses, seus significados e suas agências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente momento a pesquisa encontra-se com muitas possibilidades a serem exploradas. Portanto, é correto dizer em nossa conjuntura que a análise das informações, sistematizadas na base de dados LAMP-ENIR, oferecem a possibilidade de esboçar um perfil demográfico, desses sujeitos que fizeram parte da construção demográfica do Vale Amazônico e que deixaram marcas culturais presentes até os dias atuais. Dessa forma, mostraram-se como agentes que buscaram estratégias e táticas nas suas sobrevivência e relações sociais.

Além de traçar um perfil populacional da vila de Nova Mazagão, a pesquisa aponta para uma região do Grão-Pará que destacava suas próprias características e singularidades demográficas, corroborando a heterogeneidade da história da população na Amazônia colonial e valorizando sua dimensão populacional.

Pretende-se, ainda, dar continuidade à pesquisa avançando na área da demografia histórica e dos estudos populacionais e aprofundando-se nas possibilidades que as fontes referentes às famílias mazaganistas permitem ao incrementar novos vieses metodológicos e teóricos, novas leituras e discussões.

REFERÊNCIAS

BACELLAR, Carlos Almeida Prado; SCOTT, Ana Silvia Volpi; BASSANEZI, Maria Silvia Casagrande Beozzo. Quarenta anos de demografia histórica. **Revista Brasileira de Estudos de População,** São Paulo, SP, v. 22, n. 2, p. 339-350, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0102-30982005000200010

BARROSO, Daniel Souza. Por uma história da família e da população na Amazônia brasileira: percursos historiográficos. In: CICERCHIA, R.; BACELLAR, C.; IRIGOYEN, A. (org.). **Estruturas, conjunturas e representações:** perspectivas dos estudos das formas familiares. Murcia: Universidad de Murcia, 2014. p. 51-66.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1991.

KOK, Jan. Principles and prospects of the life course paradigm. **Annales de Demographie Historique,** Paris, n. 1, p. 203-230, 2007. Disponível em: https://shs.cairn.info/revue-annales-de-demographie-historique-2007-1-page-203?lang=fr. Acesso em: 08 jul. 2025.

KOK, Jan. The challenge of strategy: a comment. **International Review of Social History,** Cambridge, v. 47, n. 3, p. 465-485, 2002. DOI: https://doi.org/10.1017/S0020859002000743

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. Agricultura no delta do rio Amazonas: colonos produtores de alimentos em Macapá no período colonial. **Novos Cadernos NAEA,** Belém, PA, v. 8, n. 1, p. 73-114, 2008. DOI: http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v8i1.48

MAXWELL, Kenneth. **Marquês de Pombal.** Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 1996.

RODRIGUES, Maria Isabel da Silva Reis Vieira. **O Governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado no Grão-Pará e Maranhão (1751–1759):** contribuição do seu epistolário para a história portuguesa do Brasil. 1997. Dissertação (Mestrado em História e Cultura do Brasil) – Faculdades de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico:** do Marrocos a Amazônia (1769-1783). São Paulo, SP: Martins Editora Livraria, 2008.

VIEIRA JR., Antonio Otaviano. **Entre epidemia e imigração:** um viés de investigação da história da população no Grão-Pará (1748-1778). São Paulo, SP: Livraria da Física, 2021.